

## A ENUMERAÇÃO FUNCIONAMENTO ENUNCIATIVO E SENTIDO

EDUARDO GUIMARÃES  
Unicamp

**RESUMO:** Este artigo se dedica ao estudo do funcionamento enunciativo da enumeração. Ele parte de uma retomada desse funcionamento na retórica clássica, como modo de circunscrever a questão e se dedica a estudar como ele pode ser analisado levando em conta dois funcionamentos básicos da enunciação, a articulação e a reescrituração. A análise é feita tendo em vista a posição de que os enunciados, e suas expressões, devem ser analisadas enquanto integram texto. Deste modo servem de material de análises sequências textuais de variadas origens como receitas de bolo, textos científicos e textos literários. Entre outras conclusões pode-se ver como o funcionamento da enumeração mostra como as articulações e reescriturações enunciativas produzem co-existências de funcionamentos e de sentidos.

**ABSTRACT:** This article is dedicated to the study of the enunciative functioning of enumeration. It starts from a resumption of this functioning in classical rhetoric so as to circumscribe the issue, and is dedicated to studying how it can be analyzed considering two basic functionings of enunciation: articulation and rewriting. The analysis follows the position that utterances and their expressions should be examined as elements integrating a text. Thus the material for analysis is composed of textual sequences of varied origins such as cake recipes, scientific texts and literary texts. Among other conclusions, one can see the way the functioning of enumeration shows how enunciative articulations and rewritings produce co-existence of functionings and senses.

Vou me dedicar a refletir neste artigo sobre o funcionamento da enumeração. Considerando, tal como venho fazendo (Guimarães, 1987, 2002, 2007), que o sentido é produzido pelo acontecimento da enunciação, vou procurar ver como esse procedimento enunciativo específico funciona. Um dos objetivos fundamentais aqui é, ao estudar a enumeração como um modo enunciativo de atribuir sentido a expressões linguísticas, observar como, pela enumeração, se produz um certo modo de acesso à materialidade histórica das coisas (uso aqui a palavra coisas num sentido bem geral para significar práticas, objetos, situações, ações, comportamentos, ideias, etc).

Desse modo, como pano de fundo de meus interesses está a reflexão sobre a relação da linguagem com o que está fora dela, mas sem o que ela não significa. De nossa parte consideramos que a construção de sentido, enquanto um funcionamento eminentemente linguístico (enquanto uma relação de linguagem com linguagem), é que, ao funcionar simbolicamente, estabelece a conexão com as coisas. Desse modo nos colocamos numa posição que se distingue, de modo geral, de duas outras: uma, como a estruturalista, que considera que só é possível tratar da linguagem enquanto estrutura, sistema, e assim nada do que é exterior ao linguístico interessa; uma outra, como as posições referencialistas

(cognitivistas ou não), que considera que o que a linguagem significa é simplesmente o que ela descreve das coisas existentes.

Para este percurso, vou apresentar inicialmente o dispositivo específico de análise semântica que utilizo. Do meu ponto de vista, os procedimentos enunciativos de produção de sentido são de dois tipos gerais: reescrituração e articulação. Para que possamos em seguida apresentar esses dois modos de enunciação, lembro de saída que, para nós, a unidade de análise para a semântica é o enunciado<sup>1</sup>. Por outro lado, há para mim uma especificação fundamental a fazer: uma sequência linguística só é enunciado enquanto uma unidade de sentido que integra um texto. Assim, falar do sentido de uma expressão em um enunciado exige que se considere em que texto está essa unidade. São as relações de linguagem que constituem sentido. E mais especificamente, são as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido. O sentido não se reduz a uma mera relação interna em uma estrutura entre os elementos da estrutura, independentemente de qualquer exterioridade.

Por outro lado, esse modo de conceber o sentido e a semântica, nos coloca na posição de considerar que devemos observar enunciados, portanto devemos tomá-los onde aparecem, ou seja, nos textos em que ocorrem. E neste caso, para a observação do funcionamento semântico dos enunciados, valemo-nos de um procedimento heurístico fundamental, o parafraseamento como procedimento de descrição.

## 1. PROCEDIMENTOS DO AGENCIAMENTO ENUNCIATIVO

Se analisamos qualquer expressão linguística, podemos considerar que ela funciona, de um lado, por uma relação do locutor com aquilo que ele fala, do locutor com o acontecimento no qual ele fala aquilo que ele fala; e, de outro, por uma relação entre os elementos linguísticos.

Para analisarmos esses dois aspectos, consideramos que as relações dos elementos linguísticos marcam operações enunciativas que colocam em relação o Locutor com aquilo que ele fala. E de tal modo que essa última relação se dá no acontecimento pelo agenciamento político da enunciação. Ou seja, não é o Locutor que escolhe uma forma para dizer algo, mas ele é agenciado a dizer pelo modo como as formas linguísticas se constituíram sócio-historicamente e pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas, e os modos de dizer e o que dizer, para seus falantes. O Locutor só é Locutor enquanto falante determinado por este espaço político do dizer, o espaço de enunciação. Trazemos aqui as noções de espaço de enunciação e de agenciamento político da enunciação, tal como as tratamos em Guimarães (2002). Considerando a primeira definimos o Falante enquanto figura determinada pela relações com as línguas do Espaço de enunciação. Por outro lado temos as figuras da cena enunciativa: o Locutor (L), enquanto figura que se representa como responsável pelo dizer; o locutor-x, enquanto lugar social do dizer; e o enunciador, enquanto lugar de dizer, o lugar de onde se diz. E é nessa medida que, do ponto de vista semântico, podemos dizer que o funcionamento das expressões linguísticas são lugares de produção de sentido.

---

<sup>1</sup> A caracterização de enunciado pode ser encontrada em Guimarães (2006).

Desse modo, segundo nossa concepção do funcionamento da linguagem e da produção de sentido pelo acontecimento da enunciação, consideramos que a enunciação mobiliza os dois procedimentos gerais, articulação e reescrituração, que são apresentados a seguir.

### 1.1.As Relações de Articulação

Começamos pelos procedimentos de articulação. A articulação é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que ele fala. Uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação.

Vou considerar que a articulação pode se dar de três modos diferentes: por dependência, por coordenação e por incidência. A articulação por dependência se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto um só elemento. Por exemplo: em “Os meninos de vermelho” a relação é tal que “Os e de vermelho” vinculam-se a *meninos* constituindo uma única unidade (um grupo nominal (GN)). A articulação de coordenação é aquela que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes, é o caso de “Os meninos e as meninas”, onde encontramos uma coordenação entre *os meninos* e *as meninas*. Em outras palavras, a articulação por coordenação se apresenta por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade. E a incidência é a relação que se dá entre um elemento de uma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento do tipo do segundo. Por exemplo, em “Até Pedro veio”, temos “Até” que incide sobre “Pedro veio”. “Pedro veio” é um enunciado e “até” não. “Até Pedro veio” é um novo enunciado. A incidência é uma relação entre um elemento e outro sem uma relação de dependência estabelecida.

Nas articulações de dependência e coordenação o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado, na articulação por incidência o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona sua enunciação com o enunciado.

Para ajudar na compreensão destes modos de articulação apresento a seguir um conjunto de exemplos. Tomemos para começar as seqüências (1) e (2).

- (1) Até a casa amarela foi vendida. A promoção foi um sucesso.  
 (2) Só Pedro é jogador. Ele será nosso representante.

Em (1), em “a casa amarela”, temos uma articulação de dependência em que amarela é atribuído a *casa*. Em (2), *é jogador* é atribuído a *Pedro*, também numa relação de dependência. E essa atribuição se dá por uma operação do Locutor configurada pelo agenciamento da enunciação. Ou seja, não há nada nas expressões que as façam, previamente, atributos de outra. Nos exemplos acima, não há nada nem no sentido de *amarelo*, nem no de *é*

*jogador*, que faça atribuições necessárias para *casa* ou para *Pedro*. Assim é o Locutor, num acontecimento específico, que atribui, ou seja, que opera uma relação como essa, segundo o agenciamento ligado ao funcionamento das expressões.

Do ponto de vista enunciativo, podemos dizer que há, nos dois casos acima, uma operação de predicação em (2) e uma operação de caracterização em (1), e essa operação de caracterização produz, entre outras coisas, uma referência. É nesse sentido que podemos considerar que há diferentes operações enunciativas de articulação que produzem sentido pelo modo como uma forma é afetada pela outra pelo agenciamento enunciativo do acontecimento.

Nos dois exemplos acima faltou observar a relação entre “até” e “a casa amarela foi vendida” e “só” e “Pedro é jogador”<sup>2</sup>. Nos dois casos vamos considerar que *até* e *só* incidem respectivamente sobre “a casa amarela...” e “Pedro é jogador”. Consideremos cada um dos casos: no primeiro a incidência de *até* sobre *a casa amarela...* produz um argumento a favor do que se apresenta no segundo enunciado de (1) (*a promoção foi um sucesso*). Podemos dizer que se trata de uma orientação argumentativa que é significada pelo primeiro enunciado<sup>3</sup>. No segundo caso, a incidência de *só* sobre “Pedro é jogador” produz no enunciado (2) dois “conteúdos”: “Pedro é jogador” e “nenhuma pessoa diferente de Pedro é jogador”. Vê-se que o segundo “conteúdo” é tomado no encadeamento, diferentemente do primeiro. O primeiro conteúdo é tratado, em geral, como um pressuposto<sup>4</sup>. Assim vemos que o modo do agenciamento da incidência de um elemento pode significar diferentemente.

Tomemos agora dois outros exemplos:

- (3) (a) Os jogadores, os músicos e os palhaços se encontraram na entrada do hotel. (b) Mas eles, diferentemente do esperado, não conseguiram se entender.

Se consideramos (3a), encontramos uma relação de três GNs sujeito constituindo o sujeito do enunciado. Estamos diante de uma coordenação, que apresenta uma enumeração como veremos adiante. Por outro lado, podemos observar que (3a) e (3b) são dois enunciados que também se articulam por uma relação de paralelismo, tal como no caso de “os jogadores, os músicos e os palhaços”. Por outro lado, podemos ver que o *mas* incide sobre a dupla de enunciados coordenados. Estou aqui, mais uma vez, me valendo das descrições da semântica argumentativa, para enunciações da forma X mas Y, tal como são tratadas por Ducrot (1988) e Guimarães (1987). O *mas* é assim um marcador de uma operação argumentativa (enunciativa) do Locutor.

Um aspecto importante na caracterização das articulações é que elas não são meramente relações internas ao enunciado, mas relações de contigüidade que fazem do enunciado um elemento que se integra a um texto.

---

<sup>2</sup> Só como uma referência específica, lembro aqui o estudo de Perini (xxxx) sobre a estrutura do GN. Esse estudo deixa claro que o elemento mais à esquerda de um GN é o artigo. Assim o *só* de (2) fica fora do GN, assim como o *até* de (1).

<sup>3</sup> Como se vê, estamos aqui mobilizando a posição apresentada por Ducrot. Entre tantos trabalhos lembremos Ducrot (1973, 1988, 1989).

<sup>4</sup> A bibliografia sobre o pressuposto é imensa. Dados os nossos objetivos e nossa posição lembramos aqui Frege (1892) e Ducrot (1972 e 1984).

## 1.2.As Relações de Reescrituração

Tal como vimos em Guimarães (2002 e 2007), podemos dizer que o procedimento de reescrituração consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão. Esse procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração). E nessa medida a reescrituração é um procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento enunciativo. Uma de suas características fundamentais é que ela não é necessariamente uma operação entre elementos contíguos. O que a caracteriza é que ela é uma relação entre elementos à distância, que podem eventualmente estar contíguos (ou seja, a contiguidade não é o elemento que as caracteriza). É o que ocorre entre *Ele* e *Paulo* na sequência abaixo.

(4) *Paulo* viajou ontem. Deve estar em São Paulo na quinta. *Ele* deve voltar no final de semana.

Para melhor especificar as características básicas da reescrituração, consideramos que a relação estabelecida entre o elemento reescriturado e o que o reescreve apresenta as seguintes características: é uma relação transitiva, simétrica e não-reflexiva. Vejamos esses aspectos. Voltemos à sequência (4).

Consideremos a relação entre *Paulo* do primeiro enunciado e *ele* (do terceiro). Como dissemos, *ele* reescritura *Paulo* (elemento reescriturado). O que podemos observar é que essa relação pode ser caracterizada como segue:

1) se *ele* reescreve *Paulo*, então *Paulo* é também uma reescritura de *ele*. Ou seja a relação em questão é simétrica. Isso dá conta de que a reescrituração não se constitui pela ordenação dos elementos linguísticos. Essa relação (a reescrituração) é uma das que operam os modos de integração dos enunciados com o texto. Ou seja, é uma relação que tem a ver diretamente com o fato de que os enunciados e seus elementos significam em virtude do texto que integram.

2) Por outro lado, podemos considerar que em (4) vemos um relação seguinte: *Paulo* é reescriturado por elipse no segundo enunciado. E o elemento elíptico é reescriturado por *ele*. O que faz com que se o elemento x (*Paulo*) é reescriturado por um outro, a elipse (y), e se y é reescriturado por um terceiro elemento (z), no caso *ele*, o elemento (z) também reescreve o elemento (x). Ou seja essa é uma relação transitiva. Ela está diretamente ligada ao seu funcionamento à distância e transversal.

3) Em terceiro lugar, se *ele* reescreve *Paulo*, a relação de reescrituração não estabelece uma igualdade, ou seja *ele* não é igual a *Paulo*. Isto é, *ele* não significa no enunciado como *Paulo* significa, e vice-versa. Nesse caso a relação é não-reflexiva. Um aspecto importante a considerar aqui é o caso em que um elemento linguístico é reescrito por repetição, por exemplo *Paulo* reescreve *Paulo*. Nesse caso, o que interessa é que *Paulo1* é reescrito por *Paulo2*. Interessa em *Paulo2* que *Paulo2* significa diferentemente de

*Paulo1*, em virtude de ser uma repetição. E é essa diferença entre *Paulo2* e *Paulo1* que dá sentido à repetição<sup>5</sup>.

O que isso caracteriza é que a reescrituração não opera com a identidade. Por outro lado, e isso é fundamental aqui, um conjunto de reescrituras de um elemento linguístico qualquer em um texto, ou conjunto de textos, não é uma classe, não é um paradigma, pois a relação de reescrituração não é uma relação de equivalência, já que não é reflexiva. A característica da reescrituração está ligada a um aspecto fundamental: fazer sentido envolve sempre um diferente que se dá no acontecimento enunciativo.

### 1.2.1. Modos de reescrituração

Uma expressão reescrita outras de diversos modos. Tal como dissemos em Guimarães (2007) ela pode se dar por repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição. Para os interesses do que vamos aqui analisar, nos deteremos em alguns desses procedimentos: especificamente na expansão e na condensação.

Tomaremos para isso o texto<sup>6</sup> a seguir:

(5)

**OPERAÇÃO SANGUESSUGA**  
Moderna máfia do  
**ORÇAMENTO**  
**Polícia e MP desmontam quadrilha**  
**E mostram a versão atual dos anões**

(5a) Começava o expediente na Esplanada dos Ministérios na manhã da quinta-feira 4 e agentes da Polícia Federal já se posicionavam diante do Ministério da Saúde. Aguardavam Maria da Penha Lino, assessora especial do ministro, Agenor Álvares. Assim que chegou, recebeu voz de prisão. O retorno da PF ao Ministério um ano após a Operação Vampiro era o começo de uma nova ofensiva contra servidores, empresários e políticos articulados para lesar os cofres públicos. A operação Sanguessuga, como foi batizada, prendeu Maria da Penha e mais 45 pessoas até o fim da tarde.

....

(5b) A polícia e o MP já sabem que o caso não se restringe à compra de ambulâncias. Trata-se de uma senha para desvendar o funcionamento da nova Máfia do Orçamento, que segue no Congresso 13 anos depois do escândalo dos anões.

---

<sup>5</sup> Num estudo mais detalhado da repetição se pode caracterizar mais especificamente este aspecto e dele tirar importantes consequências.

<sup>6</sup> Valemo-nos aqui de um texto já utilizado em Guimarães (2007).

Nesse texto, podemos observar diversos modos de redizer o dito, acima indicados, e como isto tem a ver com a própria produção do sentido. Ocupemo-nos dos dois que ressaltamos: expansão e condensação.

a) Expansão: todo o primeiro parágrafo do texto da matéria aqui retomada é um modo de ampliar o que está dito na expressão nominal do título da matéria (operação sanguessuga). Ou seja, o primeiro parágrafo do texto é uma reescritura por expansão do título. Uma outra expansão interessante de observar é a que se dá na sequência “Aguardavam Maria da Penha Lino, assessora especial do ministro, Agenor Álvares”. Neste caso “Maria da Penha Lino” é reescriturado por expansão por “assessora especial do ministro”.

b) Condensação: Se tomamos a sequência (5b) do texto, encontramos “A polícia e o MP já sabem que o caso não se restringe à compra de ambulâncias”. Aqui “o caso” condensa toda a narrativa feita antes. E é nessa medida que essa narrativa pode ser articulada a “não se restringe à compra de ambulâncias” que é, no enunciado em questão, seu predicado.

Os diversos modos de reescrituração, entre eles esses dois, produzem sentido de diversas maneiras. A reescrituração pode produzir uma sinonímia, uma especificação, um desenvolvimento, uma generalização, uma totalização, e uma enumeração (que é o objeto específico deste trabalho).

A *sinonímia* seria o caso que encontramos na substituição de “*máfia do orçamento*” por “*quadrilha*”, por exemplo. Neste caso a reescrituração apresenta uma palavra ou expressão como tendo o mesmo sentido que a outra à qual se liga. O interesse aqui é observar como a reescrituração por sinonímia acaba por predicar algo de um termo sobre o outro, pelo próprio movimento polissêmico da reescritura.

A *especificação* pode ser vista na *expansão* de “Maria da Penha Lino” por “assessora especial do ministro”. Neste caso a reescrituração claramente determina<sup>7</sup> o reescriturado pela expressão que o reescritura. A reescrituração atribui elementos de sentido ao nome próprio.

Um outro modo de significar da reescritura é por *desenvolvimento* (como é a reescrituração de *Operação Sanguessuga* por toda a sequência (5a): a sequência que desenvolve determina o expandido. Toda a sequência (5a) atribui sentido a “operação sanguessuga”.

Outro ainda é a *generalização*, como em (5b), para a condensação que “o caso” faz do que se dissera antes: aqui o generalizador (“o caso”) determina os generalizados.

---

<sup>7</sup> Tal como apresentado em Guimarães (2007), consideramos que a relação de determinação é a relação fundamental de produção de sentido no acontecimento da enunciação. O que quero reter aqui é simplesmente que uma expressão determina outra, ou seja, atribui a essa outra algum sentido. Distingo a determinação, assim definida, de uma caracterização, que é o que considero haver entre um adjetivo e um nome num GN. Deste modo reservo o termo determina para uma relação de sentido entre formas linguísticas que pode ser constituída por variadas maneiras. E isso não está diretamente ligado às relações morfosintáticas nos enunciados. Diferentemente das posições estruturais que consideramos que as relações que constituem a significação são relações internas da língua, consideramos, ao tomar a determinação como a relação fundamental, que as relações que produzem sentido são relações próprias do acontecimento da enunciação: são relações enunciativas. A questão é que não reduzimos as relações enunciativas a relações “intencionais” do falante com aquilo que ele fala. Mas consideramos que ao ser agenciado pelo acontecimento o locutor produz sentido porque essas relações de determinação se constituem.

E ainda outro é a *totalização* tal como podemos ver na reescrituração por **tudo**, da enumeração (que colocamos em itálico) que o precede, no trecho de M. de Assis:

(6) “Durou muito tempo essa explosão de raiva interior, - perto de vinte minutos; mas a alma cansou, e tornou a si. A imaginação não podia mais, e a realidade próxima atraiu-lhe a vista. Olhou em volta de si, mirou a alcova de solteira, arrumadinha com arte, - dessa arte engenhosa que *faz da chita a seda e de um retalho velho uma fita, //que recama, enlaça, /alegra o mais que pode a nudez das cousas, enfeita as paredes tristes, aprimora os trastes modestos e poucos*. E **tudo** ali parecia feito para receber um noivo amado.” (M. de Assis Quincas Borba, p. 62, cap XLIII)

Neste caso o totalizador (tudo) determina as partes totalizadas.

Há também a reescrituração por *enumeração*<sup>8</sup>, como podemos ver em (7), onde “4 ovos;...3 colheres de sopa de margarina”, reescrevem “ingredientes”:

### (7) Bolo de fubá da vó Maria

#### **Ingredientes:**

- 4 ovos;
- 2 xícaras de chá de açúcar;
- 2 xícaras de chá de trigo;
- 1 xícara de chá de fubá;
- 3 colheres de sopa de margarina;
- 1 xícara de chá de leite;
- 4 colheres de chá de fermento.

Dado nosso interesse na enumeração, observamos que a reescrituração por enumeração e a por especificação são dois modos de expansão, em contra-partida, a generalização e a totalização podem funcionar como o avesso da expansão enumerativa, por seu caráter de condensação.

O estudo da reescrituração, como se vê, já nos leva ao funcionamento enumerativo de modo particular, e coloca em questão uma relação interessante entre os procedimentos de expansão e condensação, e os sentidos de enumeração e especificação; entre generalização e totalização. Mas a enumeração não se apresenta somente como reescrituração, como veremos a seguir.

## 2.ENUMERAÇÃO: ARTICULAÇÃO E REESCRITURAÇÃO

Para melhor caracterizar a enumeração, retomo aqui sua apresentação feita por Lausberg (1966). Para ele a enumeração é uma acumulação coordenante. Procuremos ver essa apresentação mais de perto. Lausberg lembra que a acumulação é um dos tipos da *adiectio*

---

<sup>8</sup> Na seção seguinte apresentamos o modo como compreendemos o que seja enumeração.



(Quintiliano, xxx, 9,3,28). A *Adiectio* pode ser por repetição e por acumulação. Assim a enumeração é uma *adiectio* (adição), é um procedimento no qual a um elemento se acrescentam outros, não por repetição, mas por acúmulo de “palavras distintas ou de distintos grupos de palavras” (Lausberg, 1966, 97 - § 607).

Por outro lado, Lausberg distingue dois tipos de acumulação: “A acumulação coordenante em contato e a acumulação à distância. Sendo que, para ele, a acumulação coordenante em contato é a enumeração. Desse modo “os membros da enumeração são as partes coordenadas de um todo”. E ainda segundo Lausberg, “quando o todo (semanticamente superposto) se expressa, pode vir antes das partes (que então são epixegéticas e sensibilizadoras) ou depois, ao modo de um aremate sintetizador e instensificador”<sup>9</sup>. (p. 135 - § 135). Desse modo a acumulação coordenante em contato se diferencia da geminação, que é o caso da *repetição* por contato.

De outra parte ele distingue ainda a acumulação coordenante e a acumulação subordinante. Desse modo ele diferencia a enumeração como acumulação coordenante e o epíteto como acumulação subordinante<sup>10</sup> (Lausberg, 1966, 141 - § 676).

Guardo, então, essa caracterização da enumeração feita acima (desentranhando-a do contexto da retórica (enquanto arte de bem dizer) em que ela aparece: é uma acumulação, os elementos vêm coordenados e em contato. Além disso não se pode deixar de fazer atenção às oposições apresentadas para caracterização da enumeração. Para avançar, retorno ao meu dispositivo específico e a uma observação de um conjunto de casos, que buscamos a partir dessa aproximação fornecida pela retórica clássica.

Começamos tomando aqui a famosa e conhecida frase de Júlio César, imperador de Roma:

(8) Vim, vi, venci.

Tem-se em (8) um caso claro de acumulação, coordenação e contato. Atende, então, às características que reconhecemos para a enumeração. Especificamente trata-se de uma narrativa sintética que se caracteriza por apresentar diretamente três ações do locutor-imperador. Por menos que se conheça a história de Roma não se pode deixar de ver nessa narrativa sintética um argumento de César a sustentar sua força e poder.

A enumeração pode também se dar “descritivamente”, como no caso de (7) já anteriormente apresentado.

<sup>9</sup> Aqui já podemos ver a caracterização de algo que consideramos acima como, por um lado, a reescrituração por expansão enumerativa e, por outro, a reescrituração por condensação totalizadora.

<sup>10</sup> Isto é algo que, do nosso ponto de vista, consideramos como a reescrituração por expansão enumerativa e a reescrituração por expansão especificadora. Esta última coloca um aspecto importante: há uma sobreposição entre certos funcionamentos de articulação e de reescrituração. A aposição aparece como uma articulação de dependência, e ao mesmo tempo a relação semântica entre o que se chama apostro e o nome pode ser considerada como uma reescrituração especificadora.

### (7) Bolo de fubá da vó Maria

#### **Ingredientes:**

- 4 ovos;
- 2 xícaras de chá de açúcar;
- 2 xícaras de chá de trigo;
- 1 xícara de chá de fubá;
- 3 colheres de sopa de margarina;
- 1 xícara de chá de leite;
- 4 colheres de chá de fermento.

A apresentação dos ingredientes é feita por um procedimento semelhante ao do locutor-imperador romano, por enumeração, sem, nesse caso, o sentido de argumento da enumeração de César. Assim a enumeração apresenta um conjunto de expressões como modos de apresentar cada um dos aspectos que juntos formam uma unidade de sentido.

Por outro lado, como se pode ver, há uma outra diferença entre o modo de apresentar a enumeração em (8) e em (7). Em (8) a enumeração aparece só como um modo de articular os elementos de uma narrativa, adicionando, por coordenação, uma ação a outra. Em (7) a enumeração se mostra como um modo de reescrever *ingredientes*. Assim podemos notar que a enumeração é um interessante lugar para se observar como articulação e reescrituração se movimentam na produção de sentidos na enunciação.

### 3. ANÁLISES: A DIVERSIDADE DA ENUMERAÇÃO

Para melhor caracterizar a enumeração, vamos analisar alguns casos específicos. Tomemos a sequência:

- (9) "Levando em conta o critério da intenção comunicativa presente nos signos, eles podem classificar-se em *signos naturais* e *signos artificiais* (ou *signos propriamente ditos*)"<sup>11</sup>.

Em (9) o que temos é um enunciado. Nele há uma relação de predicação que se aplica sobre *eles* e *signos naturais e signos artificiais* (ou *signos propriamente ditos*). Além disso temos que considerar que *eles* reescreve *signos*, o que faz com que a predicação se projete para *signos*. No segundo lugar da relação de predicação há uma enumeração (*signos naturais e signos artificiais*). Nessa enumeração *signos artificiais* é reescriturado por *signos propriamente ditos*. Em outras palavras, há uma enumeração que enumera quais são os signos. Essa enumeração rediz *signos*, tanto que podemos parafrasear (9), por algo como

- (9a) Há signos

---

<sup>11</sup> As sequências (9), (10), (11) e (12) são retiradas do texto "Teoria dos Signos" da obra Introdução à Linguística de J. L. Fiorin.

(9b) signos naturais são signos e signos artificiais são signos.

Ou ainda por

(9c) Os signos podem ser de dois tipos: 1) signos naturais; e 2) signos artificiais.

Podemos dizer, portanto, que o complemento do enunciado reescreve o sujeito. E essa reescrituração enumerativa especifica o sentido de signos pela apresentação de todas as suas partes, de todos os tipos de signo.

Tal como era de se prever, podemos observar que essas duas expressões enumeradoras aparecem coordenadas. Ou seja “signos naturais” e “signos artificiais” articulam-se por coordenação, tal como nos casos (8) e (7), e tal como se verá em todos os demais casos a seguir.

Um aspecto a se registrar também é que, além de se observar que uma enumeração articula elementos por coordenação, neste caso vê-se que a enumeração articula-se, como predicado, a *eles*, que reescreve “signos”. Assim tem-se aqui uma enumeração “predicativa”. No entanto, não há como negar que a articulação coordenada dos termos da enumeração, ao predicar *signos* (através da predicação a *eles*), reescreve signos. Ou seja, “signos naturais” e “signos artificiais” reescreveram “signos”. Vê-se, então, que a articulação predicativa, ao apresentar uma enumeração, projeta esta enumeração sobre o termo que predica, e acaba assim significando uma reescrituração do termo predicado. Isso nos dá uma dimensão importante da enumeração: ela é uma articulação coordenada que pode ser uma reescrituração que expande (ou condensa), um termo presente ou não, algo enunciado como “um todo”.

Consideremos agora, de modo mais específico, a sequência:

### (7) Bolo de fubá da vó Maria

#### **Ingredientes:**

- 4 ovos;
- 2 xícaras de chá de açúcar;
- 2 xícaras de chá de trigo;
- 1 xícara de chá de fubá;
- 3 colheres de sopa de margarina;
- 1 xícara de chá de leite;
- 4 colheres de chá de fermento.

Vê-se que cada um dos itens apresentados como ingredientes vem coordenado assindeticamente aos outros. E todos estão apresentando, cada um por sua vez, um dos elementos que compõem o “conjunto” dos ingredientes. Neste caso, no entanto, a enumeração é uma reescrituração de *ingredientes*. Tem-se aqui o que chamamos uma reescrituração por expansão enumerativa.

Tanto nesse último caso, como no caso da sequência (9), pode-se ver como o termo enumerado (“signos”, em (9), e “ingredientes” na sequência (7)), independentemente do

modo de relação (aposição em (7) ou articulação de predicação em (9)) atribuem sentido ao enumerado. Digo que se trata de uma relação de determinação, no sentido que dou a esse termo (Guimarães, 2007) e que retomamos há pouco ao apresentar os modos de reescrituração. Os enumerados se apresentam como *signos*, num caso, e como *ingredientes*, no outro. O enumerado atribui sentido aos enumeradores. E isso é algo bem diverso da caracterização que *amarela* faz de *casa* no enunciado (1). Pode-se ver isso pelas paráfrases possíveis:

(9b) signos naturais são signos e signos artificiais são signos.

(7') 4 ovos,..., 4 colheres de chá de fermento são ingredientes de um bolo.

Ou seja, estou dizendo que em (7) *ingredientes* determina o sentido de *4 ovos...4 colheres de chá...* assim como *signos* determina o sentido de *signos naturais e signos artificiais*.

No caso de (9), o próprio modo de as expressões enumeradoras se formarem, como grupos nominais (GNs) em que um adjetivo caracteriza (por articulação) o nome enumerado, deixa ver com clareza que o enumerado, “signo”, determina as duas expressões enumeradoras: “signos naturais” e signos artificiais”<sup>12</sup>. Como dissemos logo acima, “signo” atribui sentido (determina) a “signos naturais” e “signos artificiais”.

Considerando a enumeração do caso (9), que integra um texto científico, e se apresenta como exaustiva, pode-se ser levado a pensar que a enumeração nada mais faz do que classificar os elementos que são signos. Há um conjunto de objetos que são signos e a enumeração diz qual é cada um deles. Isso, no entanto, não se sustenta, pois como já vimos em (7), e será mais especificado à frente, a enumeração tem outros funcionamentos. Podemos mesmo dizer que nem para (9) essa caracterização de exaustividade empírica se sustenta. Observemos mais de perto o texto em que essa reescrituração aparece.

Na sequência (9), do ponto de vista da enunciação da enumeração, vemos como ela é feita a partir da formulação de uma tomada de posição pelo locutor-cientista (lugar social de locutor) do texto que diz: “Levando em conta o critério da intenção comunicativa presente nos signos, eles podem classificar-se em...” Ou seja, “os signos podem se classificar” é especificado por uma articulação modalizadora; “Levando em conta o critério da intenção comunicativa presente nos signos...”. Em outras palavras, o Locutor se mostra responsável pela limitação circunstancial que apresenta e que constrói as duas classes. E ele se mostra responsável por ser tomado pelo discurso da ciência e por uma teoria específica (a que leva em conta a intenção comunicativa).

O mesmo se dá em (10), também uma enumeração, que se apresenta numa articulação como predicado.

(10) De acordo com a natureza do significado, os signos substitutivos distinguem-se em *signos substitutivos stricto sensu e símbolos*.

---

<sup>12</sup> É importante ver aqui que o adjetivo, dada a articulação no GN, caracteriza signo, dá a signo o caráter de natural ou artificial. Outra coisa é a determinação, no sentido da nota 7, que há de “signo” para “signo natural” e “signo artificial”.

Aqui, “signos substitutivos stricto sensu” e “símbolos” enumeram “os signos substitutivos”<sup>13</sup>. E há uma modalização que dá o quadro para a relação enumerativa (“De acordo com a natureza do significado”).

Dando andamento a esses aspectos, observemos outras sequências com outras enumerações.

(11) “São signos artificiais as palavras, os sinais de trânsito, enfim, os signos presentes em todas as linguagens, como o cinema, a pintura, a escultura.”

Temos neste caso duas enumerações: a) “as palavras, os sinais de trânsito, enfim, os signos presentes em todas as linguagens”, que é predicado por “são signos artificiais” (neste caso é interessante observar que a enumeração guarda o aspecto de desdobrar o enumerado em virtude de o GN sujeito vir posposto ao predicado no enunciado). E isso significa que, tal como em (9), vemos que a enumeração acaba por apresentar-se como reescrituração de *signos artificiais* com a diferença que aqui o GN sujeito reescreve o GN predicado; e b) “o cinema, a pintura a escultura”: neste caso temos uma reescrituação por expansão enumerando “linguagens”.

Voltemos à primeira das enumerações. A primeira coisa a notar é que, na enumeração considerada em (11), representa-se a exaustividade da enumeração. Estaríamos diante de uma enumeração completa de todos os tipos de signo artificial, do ponto de vista do critério apresentado. No entanto, neste caso, encontramos uma marcação da enunciação do Locutor através do “enfim” que introduz o que seria o último elemento da enumeração. E nesta medida observamos que a enumeração apresenta uma heterogeneidade interessante: por “as palavras, os sinais de trânsito” se enunciam nomes de tipos de signos artificiais, por outro lado com “os signos presentes em todas as linguagens” se enunciam os signos artificiais em geral. Em outras palavras, “os signos presentes em todas as linguagens” reescreve “signos artificiais”. Trata-se de um aspecto muito importante aqui. Pode-se ver que pelo que está em (11), algo de seu sentido poderia ser parafraseado por

(11a) Os signos artificiais são os signos presentes em todas as linguagens.

Assim a enumeração se reduz a “as palavras, os sinais de trânsito” que são exemplos de “signos artificiais” e também de “os signos presentes em todas as linguagens”.

Podemos, então, considerar que em (11) “os signos presentes em todas as linguagens” reescreve sinonimicamente, por substituição, “os signos artificiais”.

Estamos diante de duas possibilidades. Primeira, uma expressão que significa todos “os signos artificiais” aparece como elemento da enumeração de “signos artificiais”. Segunda, estamos diante de uma reescrituração de “signos artificiais” por “os signos presentes em todas as linguagens”. Neste caso, ambos (“signos artificiais” e “os signos”) sendo reescritos por enumeração por “as palavras, os sinais de trânsito”, que enunciam uma exemplificação e não uma enumeração exaustiva. Assim não se pode considerar que a enumeração é uma maneira de dizer que apresenta, de modo exaustivo todos os aspectos

---

<sup>13</sup> Aqui também “signo substitutivo” determina o sentido de “signo substitutivo stricto sensu” e “símbolos”.

próprios de algo a que um termo totalizador indicaria. Essa heterogeneidade significa o próprio processo de enunciação do Locutor. A totalidade é significada por uma operação do Locutor que simplesmente apresenta uma sinonímia como último termo da enumeração. Nessa enumeração, pode-se dizer que “os signos artificiais” ao ser enumerado por “as palavras, os sinais de trânsito, enfim, os signos presentes em todas as linguagens”, mas ser reescrito por sinonímia por “os signos presentes em todas as linguagens”, faz com que “as palavras, os sinais de trânsito” sejam ilustração/exemplos de “os signos artificiais” e “os signos presentes em todas as linguagens”. Assim dois dos enumerados aparecem como ilustração/exemplo (argumento para) do último enumerado. Desse modo, a enumeração não se apresenta como um inventário de fatos, ações, objetos do mundo, mas como uma construção de linguagem, que pode, sob o modo do inventário, apresentar uma redundância como a que vem introduzida pelo *enfim* nesse caso. E uma redundância que sobrepõe uma reescrituração como elemento de uma articulação.

Esses deslizos que constituem um modo de presença do Locutor na enumeração podem ser analisados pela consideração da presença de enunciadores diferentes no processo enumerativo. Vamos considerar que, no caso, temos para (11)

E-1 – São signos artificiais os signos presentes em todas as linguagens

(11') L – l-cientista

E-2 – São (exemplos de) signos artificiais: as palavras, os sinais de trânsito, os signos presentes em todas as linguagens

A não-totalidade também aparece na segunda enumeração de (11) “como o cinema, a pintura, a escultura”. Ou seja, “cinema, pintura, escultura” aparecem como exemplos dados pelo Locutor. Esse modo de enunciar representa um Locutor que exemplifica, e não simplesmente como um locutor que informa o que há. Ou seja, o inventário apresentado não é exaustivo, tem o caráter da exemplificação, é fundada na enunciação do Locutor (enquanto acontecimento).

Avançemos agora com um outro modo de enumerar. Observemos:

(12) (a) Os sinais são os signos que levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer ou a não fazer alguma coisa. (b) O apito do juiz num jogo de futebol paralisa o jogo; o vermelho do semáforo faz parar; o verde leva a pôr o carro em movimento; o toque de uma sirene faz começar ou parar o trabalho etc.

Em (12) parece termos duas enumerações:

(12a) ...que levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer ou a não fazer alguma coisa

e

(12b) O apito do juiz num jogo de futebol paralisa o jogo; o vermelho do semáforo faz parar; o verde leva a pôr o carro em movimento; o toque de uma sirene faz começar ou parar o trabalho etc.

(12a) é uma definição. A relação de predicação apresenta-se como uma definição, em que o GV define o primeiro lugar do enunciado. O segundo lugar do enunciado rediz o primeiro por definição. Podemos observar que a relação de predicação aqui é diferente da relação de predicação em (11). Neste caso, o GN sujeito reescreve enumerativamente o GN complemento. Enquanto em (12a) o GN complemento reescreve por definição o GN sujeito. Por outro lado, (12b) rediz (reescreve) (12a). Ou seja, (12b) reescreve a definição por enumeração. Essa enumeração é uma exemplificação, e ela não vem no interior do mesmo enunciado do elemento enumerado, até porque são enunciados que enumeram elementos do sentido de outro enunciado. Tanto o funcionamento da definição quanto o da enumeração reescrevendo o GN sujeito diferem de uma relação predicativa como *o menino comprou um livro*. Neste caso estamos diante de uma predicação que não se apresenta como uma definição nem como uma reescritura enumerativa como em (12b). Ou seja, o modo de se dar a articulação de predicação (uma articulação por dependência) pode ser co-existente de uma reescritura (como em 11 ou 12b) ou não, como no exemplo acima.

Tomemos (12a). Poderíamos pensar que se trata de uma enumeração que coordena assindeticamente duas relativas que caracterizam “os signos”. Ao receber essa caracterização enumerativa, “os signos que levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer ou a não fazer alguma coisa” definem (reescrevem, por definição<sup>14</sup>, “sinais”). No entanto, neste caso, trata-se mais de uma reescritura sinomímica de “levam-nos a...” para “levam os homens a ...”. E esta paráfrase traz um deslocamento de enunciadore. O Enunciador de “levam os homens...” é universal e o de “levam-nos a...” é coletivo e nele se inclui o locutor. Tem-se, então, uma definição, na qual o elemento definidor é reescrito por sinonímia por um desenvolvimento do sentido da definição. Um aspecto ainda interessante de se notar é que há uma coordenação disjuntiva ao final da segunda relativa, que opera um sentido de escolha para a ação. Veja que (12a) pode ser parafraseado por

(12a.1) ...que levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer alguma coisa ou levam-nos a não fazer alguma coisa.

Desse modo vê-se que a definição, em lugar de apresentar um todo homogêneo exaustivamente, enumera elementos opostos através do cruzamento de uma coordenação conjuntiva e uma coordenação disjuntiva, contida na primeira. E esta segunda, como o plano semântico funciona na linguagem sem homologia com o plano morfossintático, acaba por significar uma oposição no interior de um “inventário enumerativo”.

Tomemos agora (12b). Trata-se de uma enumeração que exemplifica enunciações de sinais diversos. E isto através da coordenação assindética de quatro enunciados. Nela encontramos uma articulação coordenativa por disjunção no último enunciado, que funciona ao modo da que comentamos para (12a). Por outro lado essa enumeração termina com

<sup>14</sup> Tal como indicamos acima, a definição é um modo de reescrever. Para uma melhor caracterização da definição ver Guimarães (2007).

um *etc.* que é um elemento da enumeração. Aí está mais uma vez o caráter não exaustivo desse funcionamento enunciativo. Antes de retomar o todo de (12), observe-se que a enumeração (12b) não tem uma estrutura homogênea interna. O primeiro enunciado remete a um sistema de signos; o segundo e o terceiro a um segundo e mesmo sistema de signos; o quarto enunciado a um terceiro sistema. Isso, além do sentido da exemplificação como argumento, mostra como a enumeração é constituída pelo acontecimento da enunciação. Um outro aspecto a observar é que podemos considerar que o enunciador de (12a) é um (é uma voz universal, da taxonomia científica) e o de (12b) é outro (é uma voz individual que se apoia no exemplo). Observe-se que podemos parafrasear (12) por

(12') (a) a definição de sinais é: sinais são os signos que levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer ou a não fazer alguma coisa. (b) Posso dar como exemplos diferentes tipos de sinais e o que eles fazem: o apito do juiz num jogo de futebol paralisa o jogo; o vermelho do semáforo faz parar; o verde leva a pôr o carro em movimento; o toque de uma sirene faz começar ou parar o trabalho etc.

Considero aqui que (12'b) é uma paráfrase que mostra aspectos de (12b) que a paráfrase (12''b), abaixo, não mostra.

(12''b) Pode-se dar como exemplos diferentes tipos de sinais e o que eles fazem: o apito do juiz num jogo de futebol paralisa o jogo; o vermelho do semáforo faz parar; o verde leva a pôr o carro em movimento; o toque de uma sirene faz começar ou parar o trabalho etc.

A questão é que podemos dar, tanto (12'b) quanto (12''b), como paráfrase de (12b). Mas não é razoável considerar (12''a) como paráfrase de (12a):

(12''a) Eu defino os sinais como os signos que levam os homens a uma ação, levam-nos a fazer ou a não fazer alguma coisa.

A dificuldade com (12''a) é que esta paráfrase acaba por dar a (12a) exatamente a representação enunciativa contornada pela definição científica do Locutor.

Se tomamos a sequência (12) como um todo, vemos como ela é constituída pelo acontecimento da enunciação. Podemos dizer que, a rigor, a sequência traz, pela voz universal da ciência, uma definição (formada por uma aposição de características) e, por uma voz individual do cientista, uma exemplificação. E a exemplificação garante a caracterização por enumeração e é argumento para a definição.

É notável observar como o *etc.* de (12) apresenta de uma forma diferente a não exaustividade que já encontramos na enumeração apresentada pelo *enfim* em (11): “enfim, os signos presentes em todas as linguagens”. Assim o sentido da enumeração exaustiva do todo abre para a não-totalidade e, portanto, para o não homogêneo.

Mas mudemos de lugar para continuar. Voltemos à sequência:



**(7) Bolo de fubá da vó Maria****(7a)Ingredientes:**

- 4 ovos;
- 2 xícaras de chá de açúcar;
- 2 xícaras de chá de trigo;
- 1 xícara de chá de fubá;
- 3 colheres de sopa de margarina;
- 1 xícara de chá de leite;
- 4 colheres de chá de fermento.

O que observamos neste caso (e isto confirma o que dissemos antes quando analisamos (9)), é que não se trata de uma descrição no sentido estrito de inventariar os elementos de um estado de coisas. Trata-se de uma enumeração de quais são os “Ingredientes de um bolo de fubá”. Como nos casos anteriores, temos uma coordenação, neste caso assindética, estabelecida pela contiguidade dos elementos enumeradores. Por outro lado, esta coordenação assindética é uma reescrituração por expansão de “ingredientes”. E aqui cada uma das expressões enumeradoras (“4 ovos, 2 xícaras de chá de açúcar, etc”) não formam um conjunto chamado ingredientes. Essas expressões estão aí como parte de um “modo de fazer”. Portanto essa enumeração não é uma descrição, é uma instrução. A reescrituração como um procedimento de redizer, dizendo outra coisa, agencia aí o sentido da instrução pelo lugar social do locutor, enquanto tradição. No texto em que está, o enunciado (7a) é parte fundamental de uma instrução de como fazer algo. Não se trata de dizer que algo é verdadeiro, que algo se descreve de um certo modo, mas de dizer como algo pode ser feito. Isto pode inclusive significar que algo tem sido feito de um certo modo (o costume como regra), e nesta medida pode (deve) ser feito deste modo.

É interessante notar como nessa receita temos uma outra sequência, composta de vários enunciados:

**(7b)MODO DE PREPARO:**

1. Bater as claras em neve, acrescentar o açúcar, continuar batendo.
2. Acrescente aos poucos as gemas, a margarina, o leite, a farinha de trigo, o fubá e continue batendo.
3. Coloque por último o fermento, bata por mais 1 minuto.
4. Coloque a massa numa forma untada e deixe assar em forno médio pré aquecido por aproximadamente 30 minutos.

Tomando a unidade do texto que a enumeração integra, encontramos em (7b) as formas que também agenciam o sentido de instrução presente na enumeração inicial. É como se a receita em questão pudesse ser parafraseada por algo como: “tenha os seguintes elementos: x, y, z. bata...acrescente...coloque...coloque...”. E não por “os elementos deste bolo são x, y, z. bata...acrescente...coloque...coloque...”. O que seria uma descrição inicial

neste caso (“os elementos deste bolo são x, y, z”) não faz sentido com o “bata...acrescente...” que lhe seguiria.

Antes de terminar as análises volto a uma sequência de Machado de Assis, no mesmo capítulo no qual encontramos a sequência (6). Trata-se da sequência

(13) E imaginando o colóquio, antevia o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher, miserável, indigna, vil... Todos esses nomes soavam bem aos ouvidos do seu desejo; ela fazia derivar por eles a própria cólera; fartava-se de a rebaixar assim, de a por debaixo dos pés do marido, já que o não podia fazer por si mesma... Vil, indigna, miserável...

Quanto à enumeração, o que podemos aí encontrar? Consideremos três enumerações presentes na sequência:

(13a) o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios, as palavras duras que ele havia de dizer à mulher

(13b) miserável, indigna, vil...

(13c) Vil, indigna, miserável...

Começemos por (13a). Trata-se de uma enumeração com quatro elementos. O segundo e o terceiro introduzidos por *depois*, o que faz desta enumeração uma narrativa. No entanto falta o *depois* no início do quarto elemento. Assim podemos aí encontrar uma ambiguidade, um deslocamento importante: o quarto elemento pode tanto ser um elemento da enumeração quanto uma reescrituração de “os impropérios”, terceiro elemento da enumeração. Podemos considerar para (13a) a seguinte paráfrase

(13a’) [antevia] o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios (palavras duras que ele havia de dizer à mulher).

Ao mesmo tempo não parece possível a paráfrase

(13a’’) [antevia] o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios e depois as palavras duras que ele havia de dizer à mulher.

Desta maneira, o último elemento só pode aparecer na enumeração se consideramos que este é dito por uma voz diferente daquela que diz os três primeiros. Assim podemos dizer que há nesta enumeração dois enunciadores:

E-1 – [antevia] o espanto do homem, depois o agastamento, depois os impropérios

L-1-x

E-2 – [antevia] as palavras duras que ele havia de dizer à mulher

Esse deslocamento de voz dá conta da ambiguidade acima indicada (tem-se tanto uma enumeração quanto uma reescrituração do terceiro elemento pelo quarto) e, mais uma vez, mostra a não exaustividade, a não homogeneidade da enumeração.

Consideremos agora (13b). Claramente (13b) reescreve “palavras duras”. Mas reescreve também “mulher” (reescreve por especificação). Ou seja, estamos diante de uma reescrituração por expansão enumerativa (“miserável, indigna, vil” reescreve por enumeração “mulher”). Assim temos também dois enunciadores:

E-1 – Miserável, indigna, vil são palavras duras

L-1-x –

E-2 – Esta mulher é miserável, indigna, vil...

Aqui podemos considerar que E-1 é assumido pelo Locutor e E-2 é um enunciador individual assumido pelo locutor-personagem. E este aspecto toma toda sua força ao considerarmos a enumeração (13c). Ela, ao ser a inversão completa de (13b), e estando separada por reticências (...a, b, c ...), é claramente a voz da personagem.

## CONCLUSÃO: DISCUTINDO A ANÁLISE

Para concluir, podemos começar por dizer que as análises feitas mostram que o funcionamento da enumeração é marcado por paralelismos, por superposições, por cruzamentos entre articulação e reescrituração. Isto, por si, já indica na direção de que não se trata de uma relação entre as partes e seu todo. Observe-se que há os casos em que a reescrituração enumerativa é o predicado do enunciado, podendo esse predicado ser ou não uma definição. Temos também o caso em que a reescrituração enumerativa é o GN sujeito. Há, nesses casos, uma concomitância entre a articulação predicativa e a reescrituração.

Não se trata de uma articulação que é uma reescrituração. O que há é uma co-existência entre uma coisa e outra. Ou seja, o acontecimento determina o modo de esses funcionamentos significarem, o Locutor é agenciado pelo acontecimento (pela língua e a temporalidade de seu funcionamento). E isso o desdobra em lugar social de locutor e enunciadores na produção do sentido. Não se trata de uma relação direta entre uma forma e o sentido. Trata-se de uma relação estabelecida pelo acontecimento.

De outra parte, encontramos, nas análises feitas, no caso da relação de reescrituração, tanto reescrituração por expansão enumerativa quanto enumeração reescrita por totalização. Tal como conceituamos, a reescrituração é uma relação simétrica. Assim se *a* reescreve *b* então *b* reescreve *a*. Desse modo o efeito da expansão enumerativa ou da totalização de uma enumeração aparece como sentidos que se devem ao fato de que na expansão enumerativa a enumeração vem depois e na totalização a enumeração vem antes. Esses sentidos, então, têm a ver com o acontecimento da enunciação e não com uma relação todo/parte estabelecida por antecedência entre os termos que constituem uma enumeração.

Ainda no que diz respeito à relação todo/parte, outro aspecto importante das análises, é que a enumeração não funciona exaustivamente. Vimos que a relação de *acumulação*

(que se apresenta, nos casos em análise, como uma articulação coordenada) pode se apresentar simplesmente como uma enumeração ou apresenta-se como uma reescrituração por expansão enumerativa de um outro termo. E pode, ainda, significar de variadas maneiras: como uma exemplificação, como instrução, como descrição, etc. O fundamento da relação é assim o procedimento enunciativo de acumular coordenativamente elementos de linguagem. No entanto essa cumulação coordenativa pode apresentar um movimento de vozes que claramente mostram sua não homogeneidade. Lembro aqui, por exemplo, o caso das enumerações analisadas em (13) – trecho de *Brás Cubas* de Machado de Assis.

Podemos dizer que a enumeração significa pelo agenciamento enunciativo do acontecimento e isto dá ao Locutor uma circulação por lugares diversos sob o sentido da unicidade (representada) de seu dizer. A enumeração é um modo de constituição desse sentido da unicidade: a homogeneidade da articulação coordenativa faz o trabalho da produção deste sentido de unicidade. Mas esta é deslocada pela divisão dos lugares enunciativos (Locutor, lugar social de locutor e enunciador). A enumeração faz parte do modo de fazer texto ao qual os enunciados se integram e assim significam. Isto aparece claramente quando podemos ver que, mesmo num caso de relação de atribuição da enumeração a um termo enumerado pela predicação, elementos desta enumeração são, efetivamente, reescriturações do termo enumerado, tal como vimos em (11) e (13).

Um aspecto que gostaria de ressaltar para concluir é que estas análises mostram como as articulações e reescriturações podem produzir co-existências de funcionamentos e de sentidos em muitos casos. Isto pode ser facilmente explicado se consideramos, tal como fazemos, que o sentido não é algo que é dado pelas formas, mas por seu funcionamento no acontecimento que lhe atribui sentido.

---

## BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, J. L. (1962) *Quando Dizer é Fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

DUCROT, O. (1972) *Princípios de Semântica Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. (1973) “As Escalas Argumentativas”. *Provar e Dizer*. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. (1984) *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1988.

\_\_\_\_\_. (1988) *Polifonia y Argumentacion*. Cali: Universidad del Valle.

\_\_\_\_\_. (1989) “Argumentação e ‘Topoi’ Argumentativos”. *História e Sentido na Linguagem*. 2ª Ed. Campinas: Editora RG, 2008.

FREGE, G. (1892) “Sobre o Sentido e a Referência”. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.

GUIMARÃES, E. (1987) *Texto e Argumentação*. 4ª. ed, Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. (2002). *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (2006). “Semântica e Pragmática”. *Introdução às Ciências da Linguagem: a Palavra e a Frase*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (2007). “Domínio Semântico de Determinação”. *A Palavra. Forma e Sentido*. Campinas: RG/ Pontes.

LAUSBERG, H. (1966). *Manual de Retórica Literaria*. Madrid: Gredos.